

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Daniele de Oliveira Pechin

**A ÚLTIMA JANELA: O VELHO CASARÃO, A
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E
UM DIÁLOGO COM A ARTE**

Passo Fundo, RS

2021

Daniele de Oliveira Pechin

A ÚLTIMA JANELA: O VELHO CASARÃO, A
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E
UM DIÁLOGO COM A ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da Ma. Lorilei Secco.

Passo Fundo, RS

2021

Daniele de Oliveira Pechin

A última janela: o Velho Casarão, a valorização do patrimônio cultural e um diálogo com a arte

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação da Ma. Lorilei Secco.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Lorilei Secco - UPF

Profa. Dra. Jacqueline Ahlert - UPF

Prof. Dr. Cleber Nelson Dalbosco- UPF

Desde o início da minha trajetória como acadêmica tive o enorme desejo de poder honrar uma pessoa em especial, Lurdes Pereira de Oliveira! Ela que me concebeu, cuidou, apoiou e sustentou em todos os momentos! Foi através dela que cada palavra escrita aqui se tornou possível!

Agradeço inicialmente às professoras Jacqueline Ahlert e Lorilei Secco, aos meus familiares e à Vilson Vitorino Stédile, Lidia dos Santos, Eliane Campanha Moraes e Maria de Lourdes Pereira Biasi por suas valiosas contribuições para a pesquisa.

RESUMO

A pesquisa aqui desenvolvida tomou forma devido ao entendimento da relevância de um espaço material. Então, para melhor entender esse processo, o trabalho explorou a história de um espaço material, a sua memória subjetiva e coletiva, promovendo também conexões com a Arte. Apresentou-se assim o seguinte problema de pesquisa: É possível construir a história de uma edificação que permaneceu imperceptível por sua comunidade ao ponto de desaparecer da paisagem e com isso mostrar a sua relevância enquanto cultura material local? Para tal, utilizou-se de uma metodologia qualitativa, bibliográfica e exploratória, considerando que se trata de uma investigação inédita que se preocupa em descobrir e observar fenômenos. Além de outras ações, a trajetória feita culminou em uma instalação artística na qual o Velho Casarão e as memórias que o envolvem são representadas subjetivamente.

Palavras-chave: Arte. História. Lagoa Vermelha. Memória. Patrimônio. Velho Casarão.

RESUMEN

La investigación desarrollada aquí tomó forma debido a la comprensión de la relevancia de un espacio material. Entonces, para comprender mejor este proceso, el trabajo exploró la historia de un espacio material, su memoria subjetiva y colectiva, promoviendo también conexiones con el Arte. Se presentó así el siguiente problema de investigación: ¿Es posible construir la historia de un edificio que permaneció imperceptible por su comunidad hasta el punto de desaparecer del paisaje y mostrar así su relevancia como cultura material local? Para ello, se utilizó una metodología cualitativa, bibliográfica y exploratoria, considerando que se trata de una investigación inédita que se preocupa por descubrir y observar fenómenos. Además de otras acciones, el camino recorrido culminó con una instalación artística en la que se representa subjetivamente o Velho Casarão y los recuerdos que lo rodean.

Palabras clave: Arte. Historia. Lagoa Vermelha. Memoria. Patrimônio. Velho Casarão.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Registro visual da conversa na Lagoa TV em 2021	20
Imagem 2	O Velho Casarão antes do início do processo de demolição	21
Imagem 3	Antigo prédio do Colégio Rainha da Paz, 1930	22
Imagem 4	Nevasca de 20/08/1965 e o Edifício Nezello.....	23
Imagem 5	Fachada em alvenaria, 17/10/2021	24
Imagem 6	Mapeamento dos sítios históricos de Lagoa Vermelha	25
Imagem 7	Carteirinha do Clube de Diretores Lojistas de Lagoa Vermelha com fotografia do Sr. Laurindo	26
Imagem 8	O prédio em 18/11/2005	26
Imagem 9	O casal Lídia e Laurindo Stédile na festa de aniversário do sobrinho em 2000 ..	28
Imagem 10	Mosaico de Alexandre.	29
Imagem 11	Apagamento das características.....	30
Imagem 12	Desconstrução.....	31
Imagem 13	O céu através das janelas	31
Imagem 14	Janela queimada?	31
Imagem 15	A lateral esquerda da casa	31
Imagem 16	Janela do segundo andar	32
Imagem 17	Os últimos móveis do Casarão	32
Imagem 18	Início do fim	32
Imagem 19	Interior	33
Imagem 20	Telhado	33
Imagem 21	Assoalho do segundo andar	33
Imagem 22	Detalhes do chão.....	33
Imagem 23	O balcão de concreto	33
Imagem 24	Processo	34
Imagem 25	Pedaços	34
Imagem 26	Escadas	34
Imagem 27	Fachada desconstruída.....	35
Imagem 28	Balcão 2	35
Imagem 29	Retirada do balcão	35
Imagem 30	O vazio.....	30

Imagem 31	A última janela	39
Imagem 32	Caderno de rasuras.....	39
Imagem 33	Amanda e Daniele no dia da entrevista	41
Imagem 34	Exposição Permanência.....	41
Imagem 35	Despertando o olhar.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FAC	Faculdade de Artes e Comunicação
MAVRS	Museu de Artes Visuais Ruth Schneider
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	ESCLARECIMENTOS SOBRE PATRIMÔNIOS CULTURAIS	13
1.1	<i>Memória</i>	15
1.2	<i>História, memória e arte</i>	16
2	INVESTIGANDO O VELHO CASARÃO	19
2.	<i>Características formais e estéticas</i>	21
2.2	<i>Sobre os proprietários e a funcionalidade do espaço</i>	24
2.3	<i>Lembranças gravadas e transcritas</i>	27
2.4	<i>Registros fotográficos do processo de construção</i>	29
3	EFÊMERO	37
3.1	<i>O processo da primeira instalação</i>	38
3.2	<i>Desdobramentos e Exposição Permanência: uma experimentação em curadoria</i> ..	40
	REFLEXÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE 1 – Memória transcrita de Lídia dos Santos	48
	APÊNDICE 2 – Memória transcrita de Maria de Lourdes Pereira Biasi: “O Bar do seu Laurindo”	49
	APÊNDICE 3 – Memória transcrita de Eliane Campana Moraes	50
	ANEXO 1 – Declaração de revisão do TCC	53

INTRODUÇÃO

A memória por muito tempo foi à maneira de passar adiante tradições, histórias e lembranças, como forma de não deixar que pessoas, lugares e conhecimentos desaparecessem por completo. Nesta pesquisa há o encontro de memórias de pessoas que estiveram em contato com o espaço estudado e através delas, foi possível dar forma a paredes, móveis e vivências.

A respeito desse tema, percebe-se que as histórias de algumas cidades interioranas não têm visibilidade e por isso passam despercebidas. Geralmente, a imagem que perpassa a mente e o olhar dos seus habitantes é a de que não existe algo relevante naqueles espaços que possa de alguma forma ser agregado à cultura local de modo significativo. Isso envolve algumas questões, mas, principalmente a falta de convivência com os meios culturais, afetando com isso, a compreensão e o interesse da comunidade sobre a própria história.

Diante de tal contexto, se coloca a necessidade de facilitar o acesso a este conteúdo que, devido à deficiência na produção de pesquisas sobre tais temas, acaba contribuindo para a banalização ou mesmo esquecimento de determinados espaços importantes. Por meio do saber reconhece-se um patrimônio, compreende-se como ele faz parte daquela cultura e assim, valoriza-se. Por exemplo, a partir do reconhecimento da relevância de um espaço material, o olhar para outros patrimônios muda e passa a ter uma nova percepção, e isso contribui para o entendimento da história de cada indivíduo.

Então, para melhor entender esse processo, o trabalho explorou a história de um espaço material, a sua memória subjetiva e coletiva, promovendo também conexões com a Arte. Assim, apresentou-se o seguinte problema de pesquisa: É possível construir a história de uma edificação que permaneceu imperceptível por sua comunidade ao ponto de desaparecer da paisagem e com isso mostrar a sua relevância enquanto cultura material local? No entanto, ele gerou outras tantas questões: Qual a relevância dos patrimônios culturais materiais para o ambiente social? As memórias individuais e coletivas contribuem para compreender a história dos espaços materiais? Qual a diferença entre história e memória? Como a arte se relaciona com a memória? Qual a história do Velho Casarão?

Na tentativa de encontrar respostas a todos esses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo principal o de trazer visibilidade para os patrimônios materiais em Lagoa Vermelha a partir de um em específico, o Velho Casarão. E nessa construção, também compreender o papel da história, memória e arte em relação à cultura material; investigar sobre o Velho Casarão de forma mais aprofundada, detalhando a sua estrutura material, bem

como, incluindo aspectos imateriais através da fala de pessoas que conheciam o lugar; converter as informações levantadas em um projeto artístico que possibilite novas interações dos habitantes do município com aspectos do patrimônio cultural acessando parte da sua história, além de promover uma conscientização para a valoração desses lugares.

Para tal, utilizou-se de uma metodologia qualitativa, sendo que para estruturar a pesquisa, se elaborou de modo processual uma revisão bibliográfica a partir de livros, artigos em jornais e revistas, dicionários, *sites*, fotografias, conteúdos de aula, além de outras fontes que se fizerem necessárias. Em relação aos objetivos, o estudo é classificado como exploratório, considerando que se trata de uma investigação inédita que se preocupa em descobrir e observar fenômenos.

A história pode ser contada de muitas formas e como esta narrativa englobou memórias, registros fotográficos e audiovisuais, pode-se considerar que em algumas partes, mesmo que não se tenha explicitado, também se recorreu à metodologia da História Oral. A exemplo da realização das entrevistas com moradores e visitantes do espaço estudado, gravando-as e depois transcrevendo-as, visando compor formas e memórias dele.

Assim, este trabalho foi estruturado de modo que a introdução fosse seguida por considerações contendo esclarecimentos sobre o que seriam os patrimônios culturais e a memória. Na continuação, se realiza uma investigação sobre o objeto estudado abordando as suas características, funcionalidade e proprietários, sendo que no mesmo capítulo, também se apresentam lembranças, entrevistas e registros fotográficos do processo de desconstrução do Velho Casarão. A seguir, se buscou estabelecer conexão entre o assunto abordado e a arte na forma de uma instalação, bem como, o relato de desdobramentos e ações desencadeadas da pesquisa. Por último, foram elaboradas algumas reflexões finais, informadas as referências utilizadas no trabalho e anexados apêndices e um anexo.

1 ESCLARECIMENTOS SOBRE PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Simplemente declarar que a cultura material é importante para a sociedade não basta, é necessário entrar em contato com esse assunto e respectivos espaços, pois, somente com essa aproximação será possível compreender de forma significativa tal valor. E começar esse percurso pode ser muito mais simples do que se imagina, considerando que manifestações do patrimônio estão presentes em todas as regiões, não sendo necessário viajar para longe até lugares reconhecidos mundialmente para se ter um encontro real com histórias valiosas.

O patrimônio se expande em diversas ramificações indo muito além de construções e de acordo com Fonseca (2009, p. 71):

É evidente que o patrimônio não se constitui apenas de edificações e peças depositadas em museus, documentos escritos e audiovisuais, guardados em bibliotecas e arquivos. Interpretações musicais e cênicas (documentadas ou não) e, mesmo, instituições, como é o caso da Comédie Française ou do Balé Bolshoi [...] que também integram um patrimônio cultural coletivo. Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito imaterial.

Pode-se destacar da citação, as duas grandes áreas atribuídas ao patrimônio, ou seja, a do patrimônio material e a do imaterial. Foi durante o século XVIII na Europa que essa preocupação em preservar propriedades e acervos começou a tomar forma, iniciando um novo jeito de olhar, perceber e compreender objetos, espaços, escritos, tradições, etc. Aspecto enfatizado por Crack (2017, p. 76, grifos do autor):

Ao utilizar palavras como herança, sucessão, patrimônio e conservação para definir o “espólio” do Antigo Regime, os revolucionários transformaram o “status das antiguidades nacionais”, que, ao se “tornarem bens patrimoniais sob o efeito da nacionalização”, devem ser preservados sob pena de prejuízo financeiro. Até mesmo obras arquitetônicas recentes adquiriram valor histórico e afetivo. Essa questão foi tão importante que se criou a Comissão dos Monumentos, dedicada a “tombar” e inventariar os bens recuperados pela nação.

A emergência de um olhar distanciado do passado possibilitou situar e defender a “herança” que as regiões possuíam. Assim, por meio do Patrimônio Material e Imaterial, buscou-se olhar com mais atenção para esses bens e espaços, percebendo neles a perspectiva histórica de uma sociedade e a sua relação com ela. Recaiu no “papel desempenhado pelos sujeitos que se debruçaram sobre a seleção, a preservação e a “emancipação ou a denegação” do patrimônio”, observar as dimensões éticas e estéticas de tais atos (POULOT, 2012, p. 30).

Por sua vez, os bens destinados a pertencer a um acervo do patrimônio cultural para serem reconhecidos, são submetidos a vários critérios avaliativos. Além de normalmente ter como pano de fundo os interesses nacionais ou estaduais, pois, raras vezes, pensa-se o espaço cultural a partir dos próprios valores de uma comunidade. Apesar de ter passado por uma flexibilização maior, a política do patrimônio ainda é associada à identidade nacional, na qual quem dita as regras são os grupos predominantes que detém o poder. É compreensível que existam critérios para a realização do tombamento de um lugar, afinal isso envolve muitas problemáticas. No entanto, é necessário olhar para a nação brasileira de forma ampla considerando que ela é constituída de uma vasta diversidade e procurar incluir outras instâncias para estabelecer uma representatividade cultural mais abrangente, como por exemplo, a encontrada nos municípios.

Continuamente com o passar dos anos, os grupos evidenciados são sempre os mesmos, padrão este que pode ser mais bem entendido através das seguintes palavras: “As políticas de patrimônio são intrinsecamente conservadoras e elitistas, uma vez que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que se referem aos grupos sociais de tradição europeia, que, no Brasil, são aqueles identificados com as classes dominantes” (FONSECA, 2009, p. 64).

Por isso, vale lembrar que o direito a memória, o acesso à cultura, a liberdade de criar é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade. Portanto, deve-se travar uma constante busca pela sobrevivência e memória dos espaços e formas de expressão que estão próximos de nós. Em relação ao patrimônio material, composto de sítios históricos, monumentos, conjunto de construções e sítios arqueológicos, o Programa Monumenta (2005, p. 22) enfatiza que:

O patrimônio não tem sentido em si. Seus múltiplos sentidos são socialmente produzidos. Como em todo processo de memória, dar sentido ao patrimônio representa dar significado a uma parte do presente, cristalizando-a como símbolo do passado. Patrimônio é, assim, produção de memória, modo de conferir inteligibilidade ao presente e identidade aos seus possuidores ou consumidores.

Por esta perspectiva, o valor de um objeto ou espaço não se delimita por ser antigo ou bonito esteticamente, mas se dá diante de uma ressignificação entendida por uma comunidade que encontra ali a sua própria história representada. Diante disso, se compreende a necessidade de olhar e perceber as narrativas que esses espaços carregam para poder identificar sua importância e seu significado.

1.1 Memória

Para seguir com a compreensão dos patrimônios, na sequência se aprofunda a noção de memória de importância central para a pesquisa, distinguindo o lugar que ela ocupa e como se relaciona com a proposta do estudo.

Na transição entre a oralidade e o registro escrito herda-se muitos avanços e conforme Oliveira (2009, p. 3) descreve,

O registro da memória permite o partilhar de narrativas caras à sociedade que o constitui. Através dos registros, os indivíduos normatizam o convívio social e, de certo modo, perpetuam a tradição. A memória registrada é uma exigência coletiva nas sociedades históricas. Não nasce da individualidade.

Concordando que toda memória é uma construção coletiva, se evidencia uma outra faceta, ou seja, a luta que ela trava constantemente com o esquecimento. Esse pensamento envolve a natureza instintiva do ser humano com o modo que ele forma a memória, priorizando por manter “vivos” alguns eventos, enquanto esquece-se de outros tantos. Assim, a memória se faz presente para regulamentar a convivência do indivíduo em um grupo social de modo que o torne confiável, comprometendo-se com os seus atos e as suas promessas, bem como, previsível, controlando a si próprio diante de uma coletividade.

Identifica-se que as narrativas contadas sobre determinados objetos para compor uma história se faz no coletivo, contudo, cada indivíduo apresenta a sua particularidade, o seu olhar único, que pode trazer detalhes primordiais para o entendimento do todo (OLIVEIRA, 2009). Assim, a memória histórica é uma forma de conhecimento do passado que se relaciona com as vivências dos indivíduos que, diante de uma construção individual de vida, também gera uma forma única de ver o mundo.

Ao executar cuidadosamente as recordações coletivas, o indivíduo as ordena de acordo com suas próprias percepções que, contudo, também estão influenciadas pelos valores do grupo a que pertence. Assim sendo, a memória pode ser entendida como reconstrução do passado (OLIVEIRA, 2009, p. 4 e 5).

Essa reconstrução torna-se muito interessante quando se materializa no presente, proporcionando novas criações, transformando espaços e promovendo a cultura para além daquela memória inicial.

Através da memória encontram-se lembranças que ficam entranhadas nas mentes das pessoas, muitas vezes, derivadas de grande valor afetivo. Além de serem cruciais para contribuir na permanência de tradições, ritos, mitos, lendas e tantos outros fatores que fazem

parte da cultura de diferentes povos, muitos destes bens, materiais ou não, podem ser reconhecidos também como patrimônios. Nesse sentido, Rocha (2012, p. 1) comenta que:

Geralmente quando pensamos em patrimônio, temos a tendência de associá-lo somente ao patrimônio material, ligado a riqueza, que são herdados ou que possuem algum valor afetivo. Porém, patrimônio não se limita apenas no sentido de herança. Refere-se também, aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais.

Assim, a memória é aquela que luta pela permanência de lugares, pessoas, mitos e tantos outros elementos. Ela é a base para extrair e documentar a história, permitindo que as raízes de muitas tradições, conhecimentos e informações não se percam.

No entanto, se trata de um tema em constante mudança e essencial para a construção da memória social, que por sua vez, pode correr enorme risco de manipulações, conscientes ou inconscientes, normalmente derivadas do interesse pelo poder de classes dominantes. Sendo uma das grandes preocupações dos grupos que dominam as sociedades, estes processos desencadeiam os chamados esquecimentos ou silêncios da história que irão impactar as relações dos sujeitos envolvidos. Ao censurar a memória coletiva por meio da manipulação todo um conjunto de pessoas acaba sendo afetado (NOGUEIRA, 2009).

Pode-se dizer que a memória coletiva é um patrimônio social e quando é evidenciada em sua forma mais espontânea e verdadeira, designa então, um ato de liberdade. É através dessas construções e preservações que muitas histórias conseguem se desviar do esquecimento e representar o percurso dos indivíduos, fortalecendo o senso de pertencimento, compreensão e respeito. Esse entendimento pode ser desdobrado também no campo da arte, sendo encontrado em manifestações simbólicas que ajudam a dar voz a muitas histórias a margem dos eixos de poder.

1.2 História, memória e arte

Pode-se perceber a arte e a memória caminhando lado a lado em muitas situações nas quais são utilizadas linguagens artísticas e suas técnicas para recordar, rerepresentar, ou mesmo registrar a história de lugares e objetos. Para Oliveira (2009, p. 8),

No estudo específico sobre os traços da memória na arte, os aspectos interdisciplinares precisam de maior aplicação, pois a própria natureza da arte exige essa qualificação da pesquisa. Monumentos e documentos são os registros que perpetuam a memória. Os registros artísticos mostram-se como diferenciais nessa busca em reconstituir o passado. Os monumentos artísticos encontram-se carregados de historicidade e, principalmente, trazem uma áurea simbólica forte, capaz de unir a comunidade que os cercam. Nesse sentido, a reflexão direcionada a partir das

relações da memória e da história torna-se um importante subsídio, na tarefa de elucidar algumas questões relativas à interação entre arte e memória.

Nessa perspectiva, o valor simbólico de objetos e lugares pode se constituir em elemento essencial para a história de um grupo social. Afinal, um povo que conhece as suas raízes e compreende a sua jornada, torna-se mais consciente e podem avançar sem repetir os mesmos erros do passado, por exemplo. Por isso também que a arte se mostra tão necessária na vida das pessoas, pois, por meio dela é possível muito mais do que representar uma memória, propor questionamentos, criando novas percepções.

Mas então, o que verdadeiramente é registrado nos monumentos: memória ou a história?

Talvez, a reconstrução temporal dos monumentos advenha do conceito de “rastros” – tão utilizado em reflexões sobre a memória. A história-registro, por muitos anos, considera que um esforço de lembrança (através, por exemplo, de um documento ou monumento) poderia ressuscitar o passado, transformando o presente em uma “amalgama” [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 5).

A memória está submetida a ações de uma sociedade, e sendo assim, ela pode mudar, se reestruturar e não permanecer condicionada ou presa ao passado.

A história ao ser reconstruída conta com os diversos fragmentos de memórias, individuais e coletivas, físicas ou não. Podem contribuir os fatos cotidianos, as fotografias em família, os “causos” contados pelos avôs e avós, objetos que fazem parte das casas, pedaços que às vezes não fazem sentido isolados, mas que através da memória coletiva podem revelar até a história de uma cidade. Ou seja, a emergência de um “olhar distanciado” do passado, que possibilitou situar sua herança antiga em um espaço histórico (CHOAY, 2006, p. 42).

Com isso, pode-se compreender melhor as diferenças entre a história e a memória e como elas caminham juntas. E assim, quando são atreladas à arte, “considera-se, então, que a história se faz a partir de memórias e de esquecimentos, do mesmo modo que a produção artística se consolida ou se dissolve por esses elementos” (OLIVEIRA, 2009, p. 7).

A arte é um dos meios pelos quais é possível perceber a história e a memória através de suas variadas linguagens e técnicas específicas, como no caso dos monumentos, um exemplo bastante utilizado ao longo do tempo. No entanto, além de informar sobre algo, a arte também permite dialogar, e a partir disso, pode se desdobrar em muitas ramificações.

Se constata que a memória e a história possuem muito em comum, elas relatam fatos em formatos diferentes. Possuindo essa diferenciação de forma mais clara, conseguimos identificar quais são as ferramentas que estão disponíveis e são válidas no processo de

desvendar a história do espaço de estudo proposto aqui, o Sítio Histórico de Lagoa Vermelha, conhecido comumente como, Velho Casarão.

2 INVESTIGANDO O VELHO CASARÃO

Durante as últimas décadas ocorreram muitas transformações na paisagem urbana da cidade de Lagoa Vermelha, incluindo o percurso ao longo da Avenida Benjamin Constant. Porém, um antigo prédio permanecia, ele não condizia com o século XXI, não havia sinal de moradores e a construção ia se deteriorando com vidros quebrados, luzes sempre apagadas e tudo trancado.

Este lugar, assim como tantos outros, geralmente passa pelo olhar de maneira quase invisível, pois se tem a percepção de que não há nada de muito especial nessas cidades interioranas. Entretanto, essa é uma imagem distorcida e equivocada que se forma nas mentes das pessoas, já que todo o lugar traz consigo histórias a serem contadas e muitas delas, merecedoras de revelação e preservação diante da importância para determinada comunidade.

A relação pessoal da pesquisadora com o Velho Casarão começou com a curiosidade de poder visualizar como era aquele lugar em seu interior! Imaginar aquelas portas abertas se tornou algo persistente em sua mente! Descobrir se o chão era composto de lajotas, piso bruto ou assoalho, se as paredes eram de tábuas largas, finas ou de tijolos, tudo isso crescia, criando todo um imaginário e um mapeamento de ideias!

Assim, na prática, a pesquisa começou a ser desenvolvida em 2020 e enquanto ação inicial, foram procuradas pessoas que pudessem atribuir formas ao Velho Casarão através de suas memórias. As primeiras informações obtidas encaminharam a pesquisa na direção da Sra. Lídia e, a partir dela, sucessivamente, encontrou-se outras pessoas que adicionaram detalhes a essa história.

Logo foi identificado que esse trabalho era algo a ser colocado à vista da comunidade de uma forma rápida, simples e direta para que as pessoas conseguissem visualizar o Velho Casarão antes que ele fosse totalmente ao chão. Para tal, a pesquisadora teve a orientação de comunicar o trabalho em uma revista conhecida em Lagoa Vermelha, mas a realidade do consumo de informação pela comunidade naquele momento era outra, e o jeito mais efetivo foi através do rádio e das redes sociais. Iniciou-se a procura por um espaço de fala na rádio local. No dia 11 de maio, juntamente com a mediadora Silvana Grandi e a professora Jacqueline Alhert (UPF), se realizou uma roda de conversa sobre patrimônio cultural, dando evidência ao Velho Casarão.

O espaço de fala foi concedido pela Lagoa TV em uma transmissão ao vivo que ocorreu de forma remota, utilizando a plataforma de comunicação do Facebook. Essa conversa foi a primeira movimentação realizada a partir dos estudos sobre o Velho Casarão,

onde a história do local pode ser compartilhada com o público lagoense. A professora Jacqueline contribuiu de forma significativa explanando sobre o tema do patrimônio e a sua relevância para a sociedade e a cultura.

Imagem 1. Registro visual da conversa na Lagoa TV em 2021.



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Nesse espaço foi possível trazer à tona algumas reflexões, como por exemplo, a questão do progresso da cidade e a preservação dos patrimônios, se ambos conseguem caminhar juntos e de qual forma isso pode acontecer. Também foi mostrado o Casarão em seu processo de desconstrução¹.

¹ O referido encontro pode ser acessado através do link:
<https://www.facebook.com/lagoatvoficial/videos/518516026177716>

2.1 Características formais e estéticas

Imagem 2. O Velho Casarão antes do início do processo de demolição



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Uma casa com fachada de tijolos maciços, cobertos por cimento e revestidos por uma segunda camada de tinta que um dia esteve intacto. Composta por dois andares e um sobrado, cuja parede frontal não apresenta recuo em relação à calçada. As janelas são grandes, e assim como elas, as duas portas duplas feitas em madeira, que por fim, foram pintadas de bordô, uma variação de tom da cor vermelha.

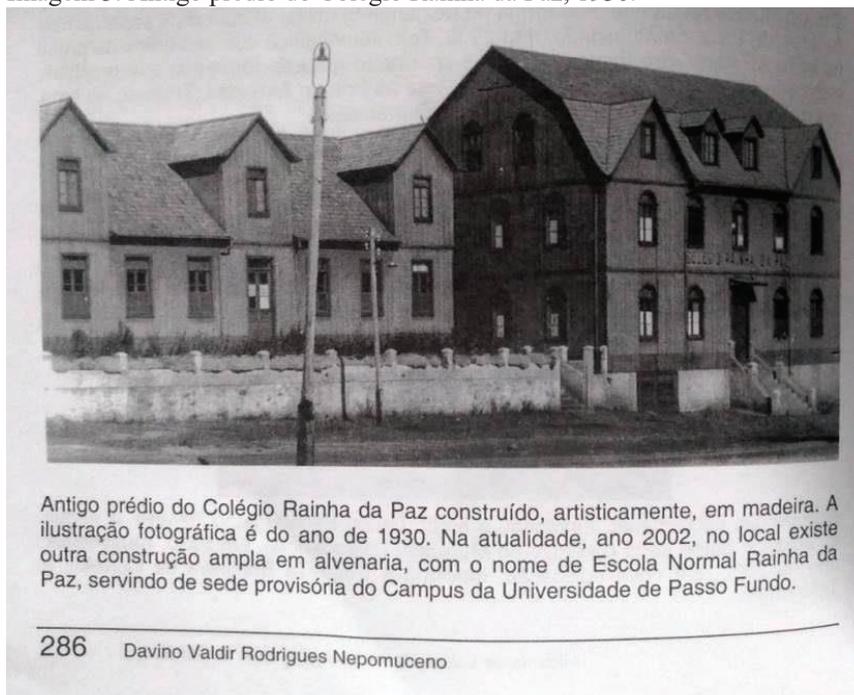
A construção, além de remeter à mistérios, algo comum em relação a construções antigas ou ruínas, chama a atenção pelos detalhes, como as vigas horizontais apresentadas com uma listra de concreto em relevo. O sobrado da casa foi estruturado externamente com curvaturas que se assemelham a recortes. Essa característica pode ser encontrada nas construções feitas no Brasil durante o período do Modernismo, no qual as tendências na arquitetura se difundiram entre as décadas de 1930 e meados dos anos 1950. O termo para designar a esse estilo arquitetônico é Art Decô. Conforme Correia (2008, s.p.)

O gosto déco está vinculado a um conjunto de manifestações artísticas que se propagou a partir dos anos vinte e viveu seu apogeu na década de 1930. Na arquitetura, recebeu impulsos do cubismo, do futurismo, do expressionismo e de outros movimentos das artes plásticas, ao mesmo tempo em que absorveu influências diversas de arquiteturas anteriores e contemporâneas.

O Brasil do início do século XX agregava vários estilos em sua arquitetura, sendo então entendida como eclética. Assim, pode-se compreender as formas geométricas ou curvas que a estrutura de fachada do Casarão apresenta. Foi através da influência da Art deco que essas características tomaram forma, principalmente em fachadas recortadas como essa e em tantas outras mais, encontradas em edifícios residenciais, prédios comerciais, industriais e públicos e mesmo em casas da época. Assim como no Velho Casarão, pode-se observar pelas ruas mais antigas da cidade uma frequente aparição dessas características nos prédios, provando que o movimento teve forte adesão nesta região.

O Velho Casarão está localizado em frente ao conhecido Colégio Bom Jesus², mas nos livros que tratam sobre a história de Lagoa Vermelha não foi encontrada nenhuma referência visual, ou mesmo relacionada a data de sua construção. De acordo com Nepomuceno (2003), nas primeiras décadas do século XX a cidade ainda apresentava belas construções em madeira, incluindo o antigo prédio da escola que se localizava em frente ao Velho Casarão.

Imagem 3. Antigo prédio do Colégio Rainha da Paz, 1930.



Fonte: NEPOMUCENO, 2003, p. 286.

Já em torno dos anos 1950, o município passou a ter edificações de alvenaria que se intercalavam com as de madeira, conforme se pode observar na imagem 4.

² Esta escola é um dos patrimônios históricos do município tendo sido fundada em 1920 por duas freiras como Colégio São José. Em 1939, o nome foi alterado para Escola Rainha da Paz e atualmente, Colégio Bom Jesus (NEPOMUCENO, 2003).

Imagem 4. Nevasca de 20/08/1965 e o Edifício Nezello



Fonte: NEPOMUCENO, 2003, p.281.

Diante destes fatos unidos a algumas suposições baseadas em datas apuradas ao longo da contextualização. Suspeita-se que a construção em questão, pode ter sido feita no início dos 1900 originalmente em madeira, já que metade das paredes laterais até os fundos da casa e o seu interior, traziam a estrutura com esse material. É provável também que a parte de alvenaria tenha sido incorporada em alguma reforma posterior aos anos 1950, quando o concreto já era mais utilizado e acessível no Brasil.

Ainda em 2021 é possível encontrar outras arquiteturas espalhadas pela cidade com as mesmas características evidenciadas aqui. Casas que, assim como o Casarão, passaram por esse processo de reforma somente na fachada conforme mostrado pela imagem 5.

Imagem 5. Fachada em alvenaria, 17/10/2021



Fonte: Acervo da autora, 2021.

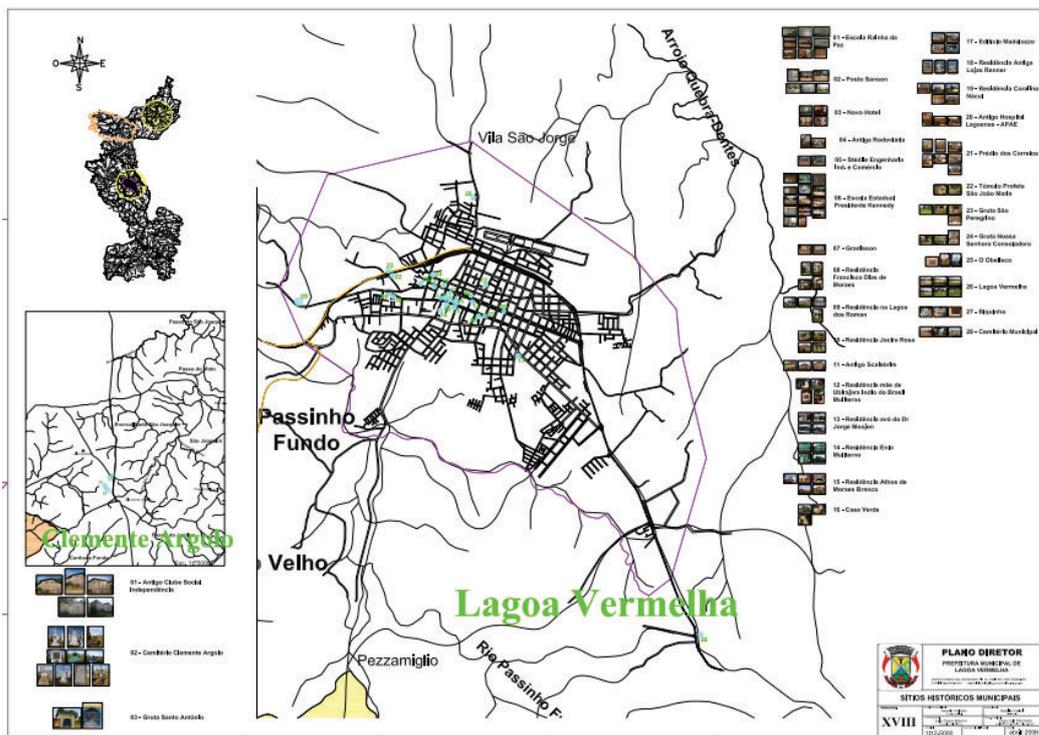
O interessante deste espaço é que ele está situado na mesma rua em que se encontrava o Velho Casarão. A parte construída em madeira aparenta não estar em bom estado de conservação com uma lateral parecendo “torta”. A evidência é que se trata de uma casa antiga que assim como o Casarão, teve a fachada reformada. Contudo o espaço atualmente é habitado e permanece recebendo cuidados de manutenção.

2.2 Sobre os proprietários e a funcionalidade do espaço

Através das entrevistas se descobriu que o prédio estudado foi a primeira estação rodoviária de Lagoa Vermelha durante o período aproximado de 1940-1950, e por isso, incluído como lugar histórico (STÉDILE, 2021).

Essa informação foi confirmada na Prefeitura Municipal, cujo mapeamento da cidade e imagens dos chamados “sítios históricos” constam no mapeamento trazido pela imagem 5:

Imagem 6. Mapeamento dos sítios históricos de Lagoa Vermelha



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha, 2006.

Considera-se que as pessoas que fizeram parte da história daquele local são protagonistas valiosos, pois, além do tempo e de acordo com as suas intervenções, também o espaço e a funcionalidade foram sofrendo transformações. Constata-se então, que o Sr. Francisco Moreira, provavelmente, tenha sido o primeiro proprietário, seguido por seu filho Juventino Moreira, que adaptou o lugar criando o “Bar São Francisco” (STÉDILE, 2020).

O nome do Sr. Laurindo Stédile surgiu como sendo o terceiro proprietário. No período em que ocupou aquele espaço, transformou o primeiro andar em um “mercadinho/bodega” sob a denominação de “Bar e Armazém de Laurindo Stédile” e o segundo foi utilizado como residência da família, distribuída em seis cômodos mais um sobrado (SANTOS, 2020).

Após o Sr. Laurindo, o lugar foi locado pela última vez, recebendo o nome de “Lancheria O Velho Casarão” que perdurou em torno de dois anos somente (STÉDILE, 2021).

Foi possível descobrir mais detalhes sobre a história do Velho Casarão, a partir de informações sobre a vida do Sr. Laurindo Stédile. Ele foi um comerciante muito conhecido pela comunidade lagoense mesmo sendo natural do município vizinho de Vacaria.³

³ Deste tempo não foi encontrado nenhum registro fotográfico do local!

Imagem 7. Carteirinha do Clube de Diretores Lojistas de Lagoa Vermelha com fotografia do Sr. Laurindo



Fonte: Santos, 2020.

O herdeiro e atual proprietário do espaço é Vilson Vitorino Stédile, filho do Sr. Laurindo.

Imagem 8. O prédio em 18/11/2005



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha, 2006.

No ano de 2021, o processo de desconstrução do Velho Casarão tomou forma, como se pode verificar através das fotografias da autora. O referido espaço foi considerado perigoso para a comunidade por conta de o telhado estar ruindo e haver infestações de ratos.

2.3 Lembranças gravadas e transcritas

Oliveira (2009, p. 3) ao citar o sociólogo Maurice Halbwachs, traz reflexões sobre o tema da memória quando “elabora o conceito de memória coletiva” como sendo aquele no qual “o passado permanece vivo em um determinado grupo social”. Assim, as falas transcritas na sequência são fiéis à contribuição narrativa de cada um. Algumas delas foram feitas quando ainda não existia a possibilidade de conhecer a parte interna do prédio, e por isso elas são de grande valia, fazendo com que o passado seja colocado como algo vivo.

Através do “boca-a-boca” encontrou-se Dona Lídia, uma mulher admirável que foi companheira do Sr. Laurindo Stédile, um dos proprietários do lugar. Ambos moraram em frente à residência da autora que, então criança, passava as tardes com o casal.

Ela contou que o Sr. Laurindo nasceu em 08 de março de 1925 e, em seu primeiro casamento morou com a esposa Inês e os três filhos, Vilson, Vilmar e Isa, na residência que haviam comprado de Juventino Moreira. Ali também viviam alguns sobrinhos que ajudavam nas tarefas. A família morava no segundo andar, já que no primeiro funcionava o estabelecimento comercial, conforme mencionado (SANTOS, 2020).

Quando se relacionou com a segunda esposa, a Dona Lídia, o Sr. Laurindo permaneceu por mais um tempo na casa antiga, mas depois se mudou para uma nova residência, deixando o local sob os cuidados do sobrinho, Augustinho Taffarel. Ela foi companheira do Sr. Laurindo até o final da sua vida, cujo falecimento aos 81 anos ocorreu em 2006.

Na entrevista ela tentou descrever o lugar e através de documentos e fotografias foi possível descobrir, por exemplo, quantos cômodos haviam no casarão, ter uma ideia aproximada da idade do prédio, bem como, de mais pessoas que nos levariam a outras tantas informações. E assim, nessa rede de nomes a pesquisadora foi tornando-se mais íntima do Velho Casarão!

Imagem 9. O casal Lídia e Laurindo Stédile na festa de aniversário do sobrinho em 2000



Fonte: Santos, 2020.

A imagem 9 traz o registro de um evento ocorrido com nos anos 2000, sendo cuidado pela Sra. Lídia como um de seus pertences mais valiosos. Nessa foto é possível visualizar o seu Laurindo Stédile, a persona que fez parte das memórias de tantas crianças.

Assim como a Dona Lídia compartilhou as suas memórias, também ocorreram outros relatos que foram anexados nos apêndices 1, 2 e 3 no final do texto. Além da afetividade trazida pelas falas daquelas pessoas em relação ao lugar e a infância delas próprias, identificou-se lembranças que acabam se repetindo. Uma delas se refere à característica de um local na penumbra, uma colocação consensual quando se faz referência a uma arquitetura antiga: “*Era um lugar escuro!*”. Um registro de memória coletiva guardada daquele espaço e sobre o qual se pode tecer algumas hipóteses: a) talvez houvesse uma deficiência nas instalações elétricas feitas há longínquos anos; b) talvez fosse por economia de energia, já que o estabelecimento não trazia grande lucratividade; c) ou talvez fosse por um hábito de pessoas mais idosas acostumadas à iluminação de lamparinas que nem se dessem conta de tal fato.

O balcão azul de madeira e as famosas balinhas, das quais cada estudante frequentador possuía uma favorita, são outros elementos que não se apagaram com o tempo! Mesmo que o ambiente não tenha permanecido totalmente claro nas lembranças, ainda assim, alguns detalhes foram trazidos de maneira bastante latente nos relatos.

2.4 Registros fotográficos do processo de desconstrução

No momento em que se começa a refletir sobre a potência de uma imagem fotográfica, também se constata o quanto ela se tornou uma necessidade na vida das pessoas. Então, revisitando o passado através das imagens enquanto tentativa de compreender o porquê disto, conclui-se que se trata de algo pertinente ao ser humano. Como uma espécie de desejo de congelar o tempo ou mesmo de confirmar a própria existência.

Por exemplo, o Mosaico de Alexandre retrata uma das batalhas entre os exércitos de Alexandre, o Grande e Dario III da Pérsia, conforme mostra a imagem 10 (RIBEIRO Jr., 2021).

Imagem 10. Mosaico de Alexandre, data aproximada 150 A. C., 2,72 x 5,13 m



Fonte: RIBEIRO Jr., 2021⁴

Entre toda a cena da batalha destaca-se um personagem, provavelmente um soldado, que aparece caído no chão próximo aos quadris do cavalo preto. Diante de uma situação de inevitável morte, o último impulso do soldado foi contemplar o próprio reflexo no escudo, talvez como busca desesperada de confirmação da sua vida. Da mesma forma, vide as marcas de mãos deixadas nas cavernas pré-históricas onde seres humanos desejaram perpetuar a existência! Ou mesmo desde a introdução da fotografia que escancarou cada vez mais este impulso humano.

⁴ RIBEIRO Jr., W.A. *O mosaico de Alexandre*. Portal Graecia Antiqua. Disponível em: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0779. Acesso em: 03 dez. 2021.

O homem sempre se preocupou em construir artefatos que o auxiliasse a construir uma memória artificial. Podemos dizer que para guardar pensamentos e ideias foi inventado o caderno e o lápis, o tipógrafo e as tintas. Para guardar imagens criamos a pintura, depois a fotografia, o cinema, a televisão, com meios magnéticos e depois digitais. Parece não haver limites para a criação humana em relação aos audiovisuais (COUTINHO, 2013, p. 65).

Por isso, a fotografia é de suma importância para a pesquisa da história, passando a desempenhar também a função de documento. Ou seja, a fotografia é uma das ferramentas utilizadas para fazer com que espaços como o Casarão permaneçam. E com um desejo semelhante de “guardar” algo que se apagaria para sempre é que foram produzidas as fotografias que seguem, registrando o processo de desconstrução da edificação.

Imagem 11. Apagamento das características



Fonte: Acervo da autora, 26/04/2021.

Imagem 12. Desconstrução



Fonte: Acervo da autora, 03/05/2021.

Imagem 13. O céu através das janelas



Fonte: Acervo da autora, 03/05/2021.

Imagem 14. Janela queimada?



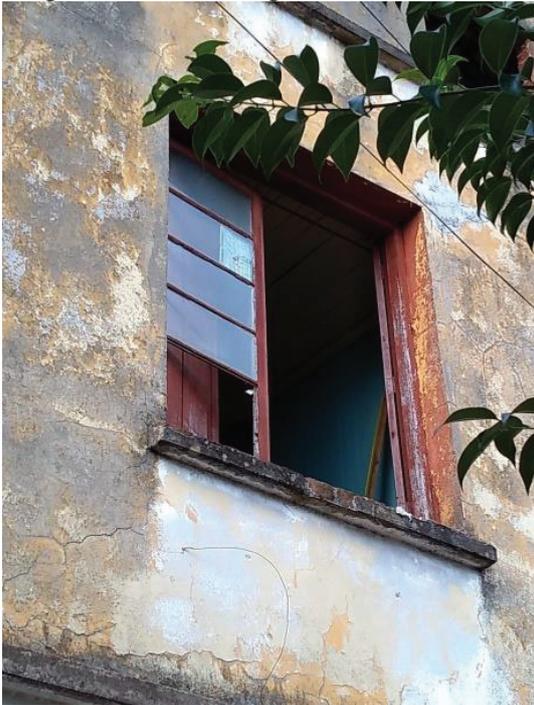
Fonte: Acervo da autora, 05/04/2021.

Imagem 15. A lateral esquerda da casa



Fonte: Acervo da autora, 05/04/2021.

Imagem 16. Janela do segundo andar



Fonte: Acervo da autora, 05/04/2021.

Imagem 17. Os últimos móveis do Casarão



Fonte: Acervo da autora, 05/04/2021.

Imagem 18. Início do fim.



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 19. Interior



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 20. Telhado



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 21. Assoalho do segundo andar



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 22. Detalhes do chão



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 23. O balcão de concreto



Fonte: Stédile, 2021.

Imagem 24. Processo



Fonte: Acervo da autora, 08/06/2021.

Imagem 25. Pedacos



Fonte: Acervo da autora, 23/06/2021

Imagem 26. Escadas



Fonte: Acervo da autora, 08/07/2021

Imagem 27. Fachada desconstruída



Fonte: Acervo da autora, 02/ 07/2021

Imagem 28. Balcão 2



Fonte: Acervo da autora, 29/06/2021

Imagem 29. Retirada do balcão



Fonte: Acervo da autora, 01/07/2021

Imagem 30. O vazio



Fonte: Acervo da autora, 09/08/2021.

Após feitos estes registros com a intenção de “eternizar” O Velho Casarão, um espaço repleto de memórias, o processo terminou! A cada momento da sua desconstrução, o lugar ganhava novas formas e proporcionava novas experiências. Os registros iam acontecendo conforme o espaço podia ser explorado, num processo de descoberta, mas também de urgência. Uma luta travada contra o tempo!

A cada interferência que o espaço sofria, surgia uma nova necessidade de registro, com o mesmo desejo de fazer com que cada detalhe “fosse salvo para sempre”! Assim, a percepção que se pronuncia é a de que estas imagens sejam uma espécie de “Mosaico de Alexandre Pessoa”.

3 EFÊMERO⁵

Outra parte deste trabalho de conclusão está sendo elaborada no sentido de compor uma instalação que será exposta no Museu Ruth Schneider em Passo Fundo, utilizando fotografias, vídeos e objetos do Velho Casarão. Projeto este, também integrado à disciplina de Curadoria do curso de Artes Visuais.

Trabalhar com a linguagem da instalação é uma experiência nova que estou vivenciando, e que, dentre tantas formas de expressão, devido as suas características se mostrou ideal. Através de uma instalação é possível se apropriar de ambientes e transformá-los em cenários, utilizando uma diversidade de objetos. Dessa forma as pessoas tornam-se mais do que espectadores, podendo estar literalmente dentro da obra.

A obra contemporânea é volátil, efêmera, absorve e constrói o espaço a sua volta, ao mesmo tempo, que o desconstrói. Nisso, a desconstrução de espaços, de conceitos e ideias está inserida nas práticas artísticas da qual a instalação se apropria para se afirmar enquanto obra (IMBROSI e MARTINS, 2021, s.p.).

A efemeridade também é um elemento crucial aqui. Ela fala sobre o tempo, designa o que é temporário e isso reflete na história do Casarão, hoje um espaço vazio que foi desconstruído, mas que, a partir da minha própria subjetividade, será reconstruído!

Logo no início da pesquisa o foco era esse, estar dentro, visualizar aquele espaço, descobrindo as suas memórias e características. Recordando do Casarão ainda quando a sua fachada persistia ali, rígida e deslumbrante, era possível captar uma aura de pertencimento percorrendo por toda aquela materialidade. Afinal, ele era “presença” naquela rua há tantos anos! Por isso mesmo, o alvo desta produção foi retratar um pouco daquele espaço, tendo como recorte a época em que o Sr. Laurindo manteve o bar/lanchonete. Diante de tantos momentos vividos ali, é justo deste tempo que eu mais tenho subsídios memorizados, e por isso o selecionei.

Para poder realizar a montagem que se transformaria em instalação, pude coletar alguns itens durante o processo de desconstrução do espaço. Constituem este acervo uma pilha de tijolos, dois garrafões de vidro, lajotas, resquícios de piso, duas molduras, uma janela, um vidro de lamparina, um lustre redondo, pedaços de livros e uma réplica da balança que o Seu Laurindo utilizava para a pesagem dos produtos.

⁵ Por se tratar do desenvolvimento de uma poética pessoal, nesta parte o texto será escrito na primeira pessoa do singular.

Buscando trazer também a questão da experiência estética, ou seja, uma vivência que chegue a outros sentidos além da visão, a instalação foi gestada pensando em reproduzir alguns gostos e cheiros. Seriam trazidos então, alguns tipos de balinhas, o café pingado e as frutas passadas, tendo por base as próprias lembranças que os entrevistados expressaram nas suas memórias.

Os outros elementos visuais seriam as fotografias impressas mostrando o processo de desconstrução do Casarão, vídeos feitos por mim em visitas ao local, alguns quadros e um livro da artista com algumas rasuras.

3.1 O processo da primeira instalação

No percurso do trabalho a instalação acabou sofrendo modificações, sendo sintetizada pela janela como objeto de destaque., pois considerei suficiente para construir a narrativa do lugar. Além dela, farão parte do cenário também os tijolos, mas num papel secundário.

A janela era visível a todos, uma imagem que permanece no imaginário de quem conheceu aquele lugar. Nos últimos anos ela não cumpria mais a função original de ser aberta e permitir a interação do exterior para o interior e vice-versa. Era através dela que pensávamos em como seria o interior do Casarão! Conforme eu fui registrando as mudanças do lugar, algumas janelas superiores iam ficando abertas e possibilitavam a visibilidade do “lugar escuro” que as pessoas relataram nas suas memórias.

Foi por meio de uma das janelas que eu olhei pela primeira vez o interior do Casarão, como espectadora! Diferentemente de quem um dia viveu no lugar, me movo dessa forma, olhando pela janela de vidros empoeirados e quebrados! Por isso escolhi a janela como elemento central!

E a janela que um dia esteve intacta, se apresenta hoje despedaçada, representando esse o elo que me conecta com a história do lugar, como também a vivenciada por tantas pessoas em Lagoa Vermelha. Ela contém em si as marcas do tempo e as digitais das pessoas que trabalharam, moraram, amaram, odiaram, foram tristes, felizes...e por fim, desconstruíram o espaço! A última janela que restou é hoje a testemunha deste longo percurso!

Tenho como objetivo nessa instalação, trazer a janela empoeirada, com os sinais do tempo e projetar nela vídeos e fotografias do espaço que ela está representando, o Velho Casarão. Por mais que este lugar ainda permaneça uma propriedade privada, a sua memória é coletiva, pertencendo assim, à comunidade lagoense!

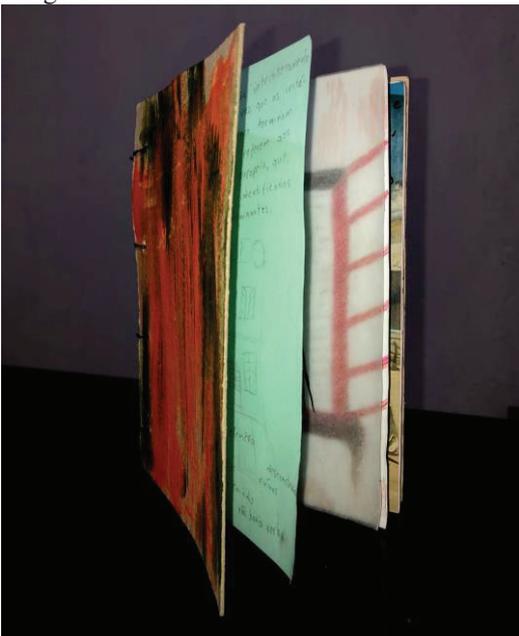
Imagem 31. A última janela⁶



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Além da janela, trouxe um Livro de Rasuras com pensamentos, ilustrações e detalhes do espaço, que também fará parte da composição. Nele tenho abordado características e impressões do lugar! Utilizei além das memórias das pessoas, as minhas próprias curiosidades para produzir o conteúdo, boa parte dele, elaborado ainda quando o Velho Casarão se mantinha com portas e janelas fechadas.

Imagem 32. Caderno de Rasuras



Fonte: Acervo da autora, 2021.

⁶ Exposta no Museu Ruth Schneider em Passo Fundo, RS.

O livro serve como um material mais intimista, o objetivo é que as pessoas possam folheá-lo, tendo um pouco mais de proximidade com espaço e as narrativas que o envolvem. Assim, da forma semelhante à janela, o livro também se tornará um objeto impregnado com as marcas das pessoas que o manusearem!

A instalação foi montada no Museu Ruth Schneider em Passo Fundo, RS, entre os meses de novembro e dezembro de 2021, integrando parte de uma exposição coletiva da turma de formandos em Artes Visuais (B) da Universidade de Passo Fundo.

3.2 Desdobramentos e Exposição Permanência: uma experimentação em curadoria

Enquanto esta pesquisa era desenvolvida, paralelamente outra semelhante também ocorria, envolvendo desdobramentos do tema e parte do acervo do Museu Garibaldi Alves de Lima. Os dois trabalhos acabaram se conectando e resultando no Projeto Expositivo Permanência, que tomou forma a partir de muitas movimentações!

O Projeto traz a minha curadoria em parceria com Amanda Lavratti, amiga, colega e artista. Nós duas trouxemos a fotografia como documentação histórica, selecionando algumas do acervo do Museu que evidenciavam os prédios históricos da cidade e assim, construindo a Exposição Permanência.

O nosso objetivo não era somente fazer a exposição, mas sim, convidar a comunidade a fazer parte dela. Para isso criamos um perfil no Instagram⁷ denominado de @projeto permanencia_, onde as pessoas poderiam enviar fotografias das suas vivências em Lagoa Vermelha.

Também nos foi concedido um espaço de fala na Rádio Lagoa TV, permitindo um alcance maior na divulgação do evento.

⁷ Rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários.

Imagem 33. Amanda e Daniele no dia da entrevista



Fonte: LAGOAFM, 19/11/2021⁸.

O espaço expositivo concedido pela Secretaria de Cultura do município foi no térreo da Casa da Cultura Athos Branco, bem de frente ao Museu Garibaldi. Teve início no dia 28 de novembro e permanecerá até 12 de dezembro.

A abertura da Exposição Permanência ocorreu numa tarde bastante produtiva e reuniu algumas pessoas que desfrutaram do espaço e dialogaram entre si sobre as fotografias e os elementos do Museu que ali estavam à mostra.

Imagem 34. Exposição Permanência



Fonte: Acervo da autora, 2021.

⁸ Disponível em: <https://lagoafm.com.br/bom-dia-cidade/resgate-de-lugares-historicos-de-lagoa-vermelha/>.

As movimentações em relação aos lugares históricos de Lagoa Vermelha estão iniciando e resultarão em muito mais conteúdo, memória e conhecimento cultural. Justamente com vistas a isso, no dia da abertura também foi realizado um projeto educativo onde as pessoas puderam fotografar os objetos do Museu que as identificassem. A partir das fotografias será feito um folder para divulgar os acervos do Museu Garibaldi. Além do educativo também foi proposta outra atividade: criar uma narrativa para as fotografias que a comunidade havia enviado para o Projeto através do Instagram.

Em todos esses momentos houve o envolvimento do público, movimentando a Exposição e promovendo ainda mais diálogos sobre a temática.

Imagem 35. Despertando o olhar



Fonte: Pedro Ramos, 2021.

No dia em questão também concedemos uma entrevista que foi realizada pelo assessor de imprensa Pedro Ramos, publicada no site do município de Lagoa Vermelha⁹ e na página do Facebook¹⁰. Essa ação possibilitou um alcance muito maior e a comunidade interagiu de forma mais significativa.

Além de possibilitar uma nova forma de olhar para as fotografias da cidade, esse projeto possibilitou o acesso ao Museu que se encontra inserido junto à Casa de Cultura. Esta

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3I46mIZ>.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/1381987915460142/posts/3327172474275000/?d=n>.

por sua vez, encontra-se em processo de tombamento¹¹, ou seja, além das pessoas estarem no Museu, elas também visitaram o primeiro espaço reconhecido como patrimônio de Lagoa Vermelha.

Tentamos organizar uma espécie de “circuito cultural” com resgates históricos e artísticos, no qual o público pudesse percorrer a Casa de Cultura explorando ao máximo o que ali é disponibilizado. Por exemplo, alguns participantes conheceram e se interessaram pelos antigos projetores do cinema Guairacá que estavam sendo restaurados e expostos ali. Porém, nesse dia, as máquinas que já estavam funcionando e foi algo inesquecível que surpreendeu a todos os presentes.

¹¹ Apesar da informação ter vindo de fonte segura, ela ainda não foi publicada.

REFLEXÕES FINAIS

Quando cada pessoa inicia a sua jornada, tudo é novo: a janela em seu quarto, o chão onde engatinha, cada lugar que conhece! É como se a cidade e as pessoas viessem à existência a partir do nascimento! É difícil dizer em qual momento toma-se a consciência de que existe muito mais a conhecer! Talvez essa percepção do todo inicie com as memórias de família, com músicas antigas, com um lugar que mostra décadas de vivências. Até que o indivíduo se percebe desejando também fazer parte dessa grande narrativa, conhecer alguns desses capítulos contidos no passado, situar-se e assim seguir escrevendo a sua parte no enredo.

O encontro com o universo de sítios históricos de Lagoa Vermelha foi assim e iniciou com o interesse pelo Casarão que acabou desencadeando um leque cheio de possibilidades de novas pesquisas! E quando se faz possível travar conexões com a Arte, o processo se torna ainda mais instigante, pois as descobertas também apresentam potencialidade para a criação de novas poéticas artísticas!

Dessa forma, o Velho Casarão, um lugar de memória, não permanece mais somente nas lembranças das pessoas, mas agora também nas pesquisas e por meio das linguagens da Arte, reconstruído e rerepresentado. Por conta disso, percebeu-se que este trabalho desenvolvido coletivamente e em colaboração com a comunidade, foi bastante necessário e significativo para as pessoas de Lagoa Vermelha.

Porém, após todo este percurso, o questionamento que se retoma é: Afinal, foi possível trazer visibilidade para o espaço estudado? Analisando então a movimentação feita, se pode afirmar que sim! A construção da pesquisa trouxe a história do Velho Casarão à tona, instigando lembranças em muitas pessoas e reflexões em outras. Percepção esta notada através dos desdobramentos que foram efetivados e, mesmo aqueles que não se interessaram tanto pelo assunto, ao menos conheceram um espaço histórico da cidade.

Além de ter sido alcançada a visibilidade buscada, também foi possível descobrir um pouco mais sobre a parte material do espaço, um elemento importante para a narrativa, a exemplo da suposta reforma que mesclou materiais como a madeira e o concreto. Com isso ocorreu uma ampliação do olhar outros lugares com características arquitetônicas semelhantes espalhados por Lagoa Vermelha.

O processo de valorização de espaços como o Casarão ainda é um fator a ser trabalhado, mas ter iniciado esta caminhada possibilitou o encontro de pares e apoiadores que acreditam em trabalhos como este e estão dispostos a promover mais projetos em prol da cultura local.

Igualmente o projeto artístico sintetizado pela janela, foi um meio de documentar de forma material o que era visível por toda comunidade, antes e depois do seu uso, por isso ela se tornou um símbolo daquele espaço, carregando consigo afetos e memórias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Nova história de Lagoa Vermelha**. Porto Alegre: Escola Superior De Teologia São Lourenço De Brindes, 1981.

BIASI, Maria de Lourdes. **O Bar do Seu Laurindo**. [Relato concedido a Daniele de Oliveira Pechin, por meio de email]. Lagoa Vermelha, 2021.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade; Unesp, 2006.

CORREIA, Telma de Barros. **Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/SsJfyGqyLKdZYJJn8Rg49Xx/?lang=pt> . Acesso em: 07 out. 2021.

COUTINHO, Laura Maria C. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. 4 ed., Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.

FÁVERO, Altair A.; GABOARDI, Ediovani A. **Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas**. 5. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

FONSECA, Maria C. L. Para além da *pedra e cal*: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio, Ensaios Contemporâneos**. 2. ed. Brasília: Lamparina, 2009. p. 59-79.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Instalação**. 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/instalacao/>. Acesso em: 02 nov. 2021.

KNACK, Eduardo R. J. Patrimônio, ruínas e historicidade no século XVIII: um olhar sobre Hubert Robert. **Confluências Culturais**. v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/330>. Acesso em: out. 2021.

MORAES, Eliane Campana. **Memórias do Velho Casarão**. [Entrevista concedida a Daniele de Oliveira Pechin]. Lagoa Vermelha, 2020.

NEPOMUCENO, Davino Valdir R. **História de Lagoa Vermelha até o início do 3º milênio: contexto, história, geral, municípios próximos**. Porto Alegre: Est, 2003.

NOGUEIRA, Gilberto Antônio R. Patrimônio e memória local: o estado da arte do inventário de referências culturais do bairro de Benfica. **Revista Trajetos**. v. 6, n. 13, 2009. Disponível em: <http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/12>. Acesso em: 30 ago. 2021.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias. Arte como memória. **Revista INTERthesis**, v.6, n.2, Florianópolis: 2009. p. 106-122. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p106/11491>. Acesso em: 30 ago. 2021.

POULOT, Dominique. **Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX**. Do monumento aos valores. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA VERMELHA. **Mapeamento de sítios histórico do município de Lagoa Vermelha**, 2006.

PROGRAMA MONUMENTA. **Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais**: norte, nordeste e centro-oeste. Cadernos Técnicos 3, Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

ROCHA, Thaíse S. Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. **XVIII Encontro Regional (ANPUH MG)**. Mariana, 2012. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

SANTOS, Lídia dos. **Memórias do Velho Casarão**. [Entrevista concedida a Daniele de Oliveira Pechin]. Lagoa Vermelha, 2020.

STÉDILE, Vilson Vitorino. **Memórias do Velho Casarão**. [Entrevistas e fotografias concedidas a Daniele de Oliveira Pechin]. Lagoa Vermelha, 2020-2021.

APÊNDICE 1: Memória transcrita de Lídia dos Santos:

Aquela casa do Laurindo é de madeira! Tudo de madeira, embaixo e em cima tudo de madeira. O bar embaixo dava prá ver a cozinha, e ali tinha o balcão, a balança e umas mesinhas: o quarto do Laurindo em cima, a cozinha e o quarto do Taffarel, e o outro de visita! Tinha três quartos, a sala e a cozinha, eram tudo junto, e o banheiro. A gente entrava pelos fundos, pela escada, ali fora tinha o tanque de lavar roupa, tinha as galinhas que ele criava, lá atrás tinha o lugar das galinhas, a lavoura dele que ele plantava, um fogão antigo. Lá em cima tinha a despensa. As portas e janelas eram antigas e de madeira, as portas não eram trabalhadas, eram simples, com trinco. Tinha uma escadinha que você podia subir lá em cima no sobrado, aonde eu nunca fui!

APÊNDICE 2: Memória transcrita de Maria de Lourdes Pereira Biasi – “O Bar do Seu Laurindo”:

Quem estudou no Rainha – como assim chamávamos a antiga Escola Normal Rainha da Paz, hoje Bom Jesus – nas décadas de oitenta e noventa, certamente há de lembrar com carinho do “ Bar do Seu Laurindo”!

Sim, ele ficava ali, bem em frente à escola, majestoso e ao mesmo tempo rústico, dando boas-vindas aos alunos, que tinham naquele lugar uma espécie de parada obrigatória, antes que a sineta do outro lado da rua fizesse com que saíssemos voando para a aula.

Bem, quando lembro do Casarão posso sentir nitidamente o tempo voltar atrás...Na minha memória ele sempre foi antigo, não muito iluminado lá dentro, um balcão bem grande de madeira, várias mesas dispostas aqui e ali para receber jogadores de baralho e a grande atração para nós adolescentes: um bar que comercializava uma infinidade de guloseimas maravilhosas para a época! Tinha merengue, paçoquinha de amendoim, pé-de-moleque, sorvete seco, goma e entre tantos outros o meu preferido e amado chiclé Pingue-Pongue! Ah! Que delícia era aquela goma de mascar que nunca ficava velha!!! Não posso deixar de citar que o bar também vendia bolitas...Nas prateleiras eram expostos potes transparentes de plástico que deixavam bem à vista as desejadas bolitas de vidro ...Todos os meninos jogavam bolitas e muitas meninas também!! Então ali era também um lugar para comprar bolitas¹²!!

A figura do Seu Laurindo lá dentro era, sem dúvida, bastante marcante! Sempre disposto, com sua bombacha e aquele ar alegre em nos atender, fazia do Velho Casarão um lugar onde gostávamos de ir abastecer os bolsos de docinhos para, de forma discreta, consumirmos durante os cinco períodos de aula. Às vezes na saída da escola era gostoso também atravessar a rua e pegar mais alguma coisinha e levar para casa.

Então é quase impossível hoje, depois de tantos anos, passar ali em frente e não lembrar com saudade do Bar do Seu Laurindo!

¹² Nome popular e regional dado às bolinhas de gude.

APÊNDICE 3: Memória transcrita de Eliane Campana Moraes

Fui estudante há muito tempo da escola Rainha da Paz, que hoje é a escola Bom Jesus. Em frente da escola das Irmãs havia um bar onde eles vendiam vários tipos de alimento, então o pessoal ia lá comprar. Tinha algumas cadeiras quando tú entrava assim a direita, com mesinhas, onde eles fritavam pastéis todas as manhãs, então você podia entrar, sentar, comer um pastel, tomar cafezinho naquele copinho pingado né?!

E prá nós como adolescente e estudante da escola, a gente queria lanche rápido. Então a gente sentia uma certa resistência da assistente quando enchia de criança prá comprar com centavos, a gente só lidava com moedas né?! Comprar as balinhas...balinha Banzé do cachorrinho, balinha de menta, as balinha de banana, e ainda existia uma balinha chicle que era “Plock” eu acho o nome, mas era bala, bem cheia de açúcar cristalizado e no final da bala virava um chicle!

Em seguida assim você tinha um balcão bem grande com umas madeiras na frente prá se apoiar, eu acho que era prá não bater no vidro e quebrar! Aquele balcão eu acho que tinha mais de um metro de largura em cima, e a gente era pequeno se encostava naquela madeira e olhava prá cima, e a atendente que no caso era a Maria, no nosso tempo ela era bem alta, nos atendia, atendia as crianças!

Aí no que você vinha para a esquerda na porta que tem ali tinha umas grades, e eu não me lembro de outras coisas que tinha ali, porque o que a gente comia eram doces, mas ali ficavam frutas, então ficava aquele aramado com umas frutas passadas assim sabe, porque eles não tinham frutas frescas!

A gente entrava rápido e saia mais rápido ainda, porque o ambiente era hostil, era escuro, e quando o seu Stédile estava ali a gente fazia menos bagunça ainda.

E também a visão de criança né, quando adulta a gente não fazia mais uso daquele ambiente, então eu não me lembro de coisas mais altas sabe, lembro que tinha ali nesse balcão as balas que tu olhavas, mas não lembro muito das prateleiras atrás.

Não sei se tinha banquinha prá sentar no balcão, só lembro do balcão grande né, de fórmica, em tons de verde, com vidro na frente e umas proteções assim de madeira.

E o chão assim de lajota nessa parte de trás que talvez seja a cozinha, onde eles vendiam alguma coisa em quilo, e na parte assim da frente acho que era tão rústico que já não tinha mais cor o chão, ele era daquelas lajotinha bem escura.

Tinha uma entrada bem grande, não era um balcão fechado, quando você entrava já era aberto, mas jamais a gente passava prá dentro do balcão, a gente esperava a vez de ser atendido!

E o teto era bem alto e bem escuro, muito escuro lá dentro!

ANEXO 1: Declaração de revisão do TCC**DECLARAÇÃO**

Eu, professora TEREZINHA C. M. DO CARMO, brasileira, inscrita no CPF, sob o nº 750.090.560-20, portadora do RG, nº 1058572353, residente e domiciliada a rua Demétrio Dias de Moraes, nº 1225, bairro Suzana, Lagoa Vermelha, RS, formada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no ano de 2005, DECLARO, que realizei a correção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob o título: O VELHO CASARÃO, A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E O SEU DIÁLOGO COM A ARTE, da acadêmica(o) DANIELE DE OLIVEIRA PECHIN, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da universidade de Passo Fundo.

Lagoa Vermelha-RS, 06 de dezembro de 2021.

TABELIONATO
LAGOA VERMELHA

Terezinha C. M. do Carmo

Terezinha C. M. do Carmo

TABELIONATO DE NOTAS DE LAGOA VERMELHA - RS
Natali Casarin Guimarães - Tabela - CPF: 809.828.320-87
Avenida Circular, 2250 - Lagoa Vermelha - RS
tabelionato@tabelionatocg.com.br - Fone: (54) 3358-1711

Reconheço por semelhança a firma de TEREZINHA CONSOLIDORA MACHADO DO CARMO, indicada pela seta de uso deste Tabelionato. DOU FE.....

Lagoa Vermelha-RS 14/12/2021 14:02
0348012100022838550001 - R\$ 5,30 Selo: R\$ 1,40

Thaise Matana Muliterno Durigon
THAISE MATANA MULITERNO DURIGON - ESCRIVENTE